R I E
Revista Imagens da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual de Maringá

REFLEXÕES SOBRE OS IMPACTOS DE DISCURSOS RACISTAS NA RELAÇÃO ENTRE A POPULAÇÃO NEGRA E O CONHECIMENTO ESCOLAR

REFLECTIONS ON THE IMPACTS OF RACIST DISCOURSES ON THE RELATIONSHIP BETWEEN THE BLACK POPULATION AND SCHOOL KNOWLEDGE

REFLEXIONES SOBRE LOS IMPACTOS DE LOS DISCURSOS RACISISTAS EN LA RELACIÓN ENTRE LA POBLACIÓN NEGRA Y EL CONOCIMIENTO ESCOLAR

Rosiney Aparecida Lopes do Vale[1]
Gabriel Gustavo dos Santos[2]

Resumo
Este artigo tem como objetivo refletir acerca do sujeito negro e a sua relação com o saber escolar. Para tal, partimos de uma pesquisa bibliográfica com intuito de discutir sobre o modo como os discursos pejorativos sobre a população negra, presentes nas mídias e nos ambientes escolares, impactam na forma como ela se relaciona com o saber escolar. Para tanto, escolhemos o texto literário *Lembrança das lições* (1996), de Cuti, pseudônimo do escritor Luiz Silva, para servir como elemento deflagrador dessa problemática, uma vez que ele consegue exemplificar alguns dramas comumente vivenciados por esse grupo dentro da escola. Nesse sentido, concluímos que muitos discursos depreciativos sobre a população negra brasileira, com ampla difusão na escola, podem servir de entrave na relação que eles estabelecerão com o saber escolar, impedindo, dessa forma, que desenvolvam suas potencialidades por meio da educação formal.
Palavras-chave: educação; racismo; linguagem; população negra.

Abstract
This article aims to reflect on the black subject and his relationship with school knowledge. To this end, we started from a bibliographical research with the aim of to discuss how the pejorative discourses about the black population, present in the media and in school environments, impact on the way they relates to school knowledge. To this, we chose the literary text *Lembrança das lições* (1996), by Cuti, pseudonym of the writer Luiz Silva,to serve as a triggering element of this problem, since it manages to exemplify some dramas commonly experienced by this group withinof the school. In this sense, we conclude that many derogatory discourses about the Brazilian black population, with wide dissemination in school, can serve as an obstaclein the relationship they will establish with school knowledge, thus preventing them from developing their potential through formal education.
Keywords: education; language; racism; black population.

[1]Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília). Docente do Departamento de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9257-0005. Lattes: http://lattes.cnpq.br/9967040099362596.
E-mail: rosineyvale@uenp.edu.br.
[2]Mestrando em Sociologia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2091-2712. Lattes: http://lattes.cnpq.br/7478896619252611.
E-mail: gabrielsantosps50@gmail.com.

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802
Creative Commons

R I E
Revista Imagens da Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Estadual de Maringá

Resumen
Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre el sujeto negro y su relación con el conocimiento escolar. Para ello, partimos de una investigación bibliográfica con el fin de discutir cómo los discursos peyorativos sobre la población negra, presentes en los medios de comunicación y en el ámbito escolar, impactan en la forma que se relaciona con el conocimiento escolar. Para eso, se eligió el texto literario *Lembrança das lições* (1996), de Cuti, seudónimo del escritor Luiz Silva, para que sirva como elemento disparador de este problema, ya que logra ejemplificar algunos dramas comúnmente vividos por este grupo dentro de la escuela. En este sentido, concluimos que muchos discursos despectivos sobre la población negra brasileña, con amplia difusión en la escuela, pueden servir como un obstáculo en la relación que establecerán con el conocimiento escolar, impidiéndoles desarrollar su potencial a través de la educación formal.
Palabras clave: educación; lenguaje; racismo; población negra.

Introdução

Neste artigo objetivamos problematizar e refletir acerca da população negra e a sua relação com o saber escolar. Para tanto, escolhemos, como ponto de partida, o texto literário *Lembrança das lições* (1996), do autor negro Cuti, para servir como elemento deflagrador dessa problemática, já que esse texto literário materializa para a ficção os dramas comumente vivenciados pela população negra nas escolas. O enredo dessa história nos revela as dolorosas lembranças do personagem/narrador negro, sem nome, sobre a sua juventude e o impacto da escola em sua vida e na vida de seu amigo, Joel, também negro.

Ademais, é nosso foco enfatizar de que forma o discurso propicia a perpetuação do preconceito de cor nas escolas e as possíveis consequências dele decorrentes: violência e a evasão escolar dessa população, por exemplo. Almejamos, desse modo, colaborar com os estudos que versam acerca da questão racial nos espaços escolares, a fim de repensar o papel do negro, na perspectiva do sujeito e a relação com o saber escolar.

À vista disso, utilizamos como referencial teórico sobre a relação que o sujeito estabelece com o conhecimento escolar, os estudos de Bernard Charlot (2000; 2005). Concernente ao racismo "à brasileira", recorremos à Munanga (2017), Silva (2017), Rosemberg (2017) Vannuchi (2017), Schwarcz (2017), entre outros. Quanto à questão da violência e das tensões raciais no âmbito escolar, pautamo-nos em Charlot (2002), Batista, França e Felipe (2018), Menezes (2002) e Gomes (2018); já a respeito da capacidade coercitiva e libertadora da linguagem, nos fundamentamos em a Teun A. Van Dijk (2018) e Baptista e Rosemberg (2018), etc.

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802
Creative Commons

Nosso trabalho se organiza da seguinte forma: primeiro, fazemos uma breve explanação teórica sobre a questão do sujeito e a relação com o saber escolar; em seguida, discutimos sobre a representação social da população negra e, por fim, problematizamos o impacto dessas representações na forma como o sujeito negro se relaciona com o saber escolar, a partir do texto literário já mencionado.

O sujeito e a relação com o saber escolar

Antes de adentrarmos na teoria do sujeito e a relação com o saber escolar, é preciso esclarecer o que entendemos por saber escolar. Brandão (1981) defende a ideia de que a educação, enquanto fenômeno social, por meio do qual o ser humano se constitui, é heterogênea, isto é, manifesta-se de diferentes modos e está presente em diversos contextos, escolares ou não. Assim, o processo educativo, ao qual estamos submetidos desde o nosso nascimento até a hora de nossa morte, nos permite a aquisição de uma gama de conhecimentos que de alguma forma nos auxilia.

Quando agregamos o adjetivo escolar ao substantivo saber, estamos nos referindo ao produto de um tipo específico de educação, no caso, a sistemática. Nela, os saberes são selecionados com base em determinados critérios, ordenados em uma metodologia específica e difundidos por meio de suportes e espaços próprios para a finalidade de ensinar (Brandão, 1981). A principal instituição onde esse tipo de educação se encontra é a escola, e sua função primordial, conforme argumenta Saviani (2005), é possibilitar o acesso aos instrumentos que propiciem a aquisição dos saberes elaborados historicamente pela humanidade; também chamados de conhecimentos científicos, os quais diferem dos saberes espontâneos, do senso comum, que adquirimos espontaneamente, sem nos darmos conta, mas que de igual modo nos constituem. Entendido isso, podemos seguir.

Na busca por compreender melhor o fenômeno do fracasso escolar, a questão do sujeito e a relação com o saber escolar emerge em Bernard Charlot (2000). De acordo com o teórico, por muito tempo tentou-se explicar esse fenômeno apenas por meio de uma correlação estatística traçada entre a posição social dos pais e a posição dos filhos dentro do espaço escolar. No entanto, o pesquisador salienta que essa metodologia somente conseguia apontar para a existência do fenômeno, mas não era capaz de

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

explicá-lo em toda sua complexidade. É nesse sentido que o pensador introduz para essa problemática a questão do sujeito, pois conclui que, mesmo que haja uma correlação, ainda assim existem casos, por exemplo, em que duas crianças da mesma família podem obter resultados completamente diferentes na escola.

Nessa perspectiva, a posição social é um fator importante, que inegavelmente influencia a relação do indivíduo com o mundo ao seu redor, mas não é capaz de determinar a sua vida. Por conseguinte, mais importante do que a posição social que uma pessoa ocupa é a interpretação subjetiva que faz sobre ela; assim, nos dizeres de Charlot, "há modos de ser filho de um operário, de imigrante, ou criança negra: pode-se ter vergonha, orgulho, resolver mostrar aos outros que se tem o mesmo valor que eles, querer vingar-se da sociedade, etc.'' (Charlot, 2005, p. 50). Nessa direção, a teoria do sujeito e a relação com o saber escolar desejam ''[...] compreender como o sujeito categoriza, organiza o seu mundo, como ele dá sentido à sua experiência escolar [...], como o sujeito apreende o mundo e, com isso, como se constrói e se transforma a si próprio'' (Charlot, 2005, p. 41).

Levando em consideração que nessa relação o mais importante é o que o sujeito faz com o que o mundo fez dele, e que ele não é um mero produto, mas também o próprio produtor, que age no e sobre o mundo para adequar-se ou rebelar-se contra o sistema, o sujeito negro pode, mesmo vitimado pelo racismo de diferentes formas, perceber na educação uma possibilidade de ascensão social e/ou pessoal; uma forma de conquistar um espaço de respeito e ter orgulho de sua condição. Desse modo, dependendo de como ele lida com a sua posição social objetiva, ele pode enxergar o racismo como uma barreira passível de ser rompida através do saber escolar. Afinal, o conhecimento é uma ferramenta de libertação [Cognitio spiritum liberat][3], e essa é uma filosofia que tem acompanhado a humanidade em sua trajetória histórica. Dessa maneira, a construção simbólica de uma imagem de si é um dos aspectos de relevância incontestável que permeia essa relação.

Isso posto, na sequência, para ampliarmos o espectro de nosso olhar sobre a questão, discutimos acerca de como o negro é representado socialmente nos mais

[3] Expressão latina cujo significado é "o conhecimento liberta o espírito".

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

diversos contextos, a fim de buscar nesses espaços de conflito elementos que subsidiem nossas reflexões e propostas.

A representação social dos negros: da mídia à escola

A ideia de representação social é paradoxalmente concreta e abstrata. Ao mesmo tempo em que ela perpassa a nossa existência e se faz presente em nosso cotidiano de diferentes formas, encontramos dificuldades em formular uma explicação clara a seu respeito. Segundo Serge Moscovici (2003), podemos entender esse pensamento como um fenômeno capaz de nos familiarizar com o que é exterior a nós. Ou, ainda, a representação social pode ser compreendida como uma narrativa, uma forma de conhecimento, elaborada e compartilhada entre os seres humanos com o intuito de criar e organizar uma realidade social que seja comum a todos que a compartilham (Laszlo, 1997; Jodelet, 2001 apud Wachelke & Camargo, 2007).

É no processo de representação, portanto, que nós construímos significados sobre o outro e o outro elabora significados sobre nós. Esse fenômeno fica mais compreensível se o colocarmos em prática: quando vemos/ouvimos o signo *índio*, por exemplo, e temos alguma familiaridade com o termo, no mesmo instante vão se formando diversas imagens em nossa mente, que se inter-relacionam e dialogam entre si para a construção de um significante; que, por sua vez, seria o produto do modo como representamos esse signo. É preciso ressaltar, porém, que essa representação não condiz fielmente à realidade:

> Uma representação, segundo a teoria das representações sociais, não é uma cópia fidedigna de algum objeto existente na realidade objetiva, mas uma construção coletiva em que as estruturas de conhecimento do grupo recriam o objeto com base em representações já existentes, substituindo-o (Wachelke & Camargo, 2007, p. 380-381).

Essa construção coletiva, mencionada no trecho acima, fundamenta-se, sobretudo, no senso comum: ideias originadas na vida cotidiana, comumente aceitas e difundidas entre a maioria dos membros de uma sociedade. As representações sociais, sumariamente, são formas de interpretação do mundo pautadas no senso comum que contribuem na formação de nossas condutas. Sendo assim, é na interação com o outro,

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802
Creative Commons

situados dentro de um contexto e mediados pela linguagem, que vamos construindo discursos, portanto representações, sobre a realidade a nossa volta. As vivências, as crenças, as ideologias, os estereótipos, as imagens cristalizadas no imaginário popular, os mitos, os juízos de valor, os preconceitos, materializados no discurso, balizam o modo como atribuímos significados ao outro.

Em uma sociedade racista como a brasileira, embora seja esse um fato que se tenta a todo custo ocultar com falácias de uma alardeada democracia racial, a questão da representação social se torna um grande problema, uma vez que os meios de comunicação social desempenham um importante papel na manutenção das desigualdades raciais. Mesmo que de forma por vezes sutis, o uso de discursos pejorativos sobre a figura do negro (Dijk, 2018), impacta, certamente, na forma como o sujeito negro se relaciona consigo e com tudo que o cerca. É nesse sentido que entender as problemáticas que envolvem a representação dos negros no cotidiano ajudam a entender melhor o modo como eles podem vir a se relacionar com o saber escolar. Dessa maneira, analisar como o racismo opera é crucial.

De acordo com a pesquisadora Fúlvia Rosemberg (2017), o racismo brasileiro é formado por dois planos: o simbólico e o material. Ambos atuam na manutenção das desigualdades raciais no Brasil, seja pela dificuldade/falta de acesso a direitos essenciais da população negra (material) ou mesmo por meio da estigmatização do corpo negro (simbólico). Dessa forma, o modo vertical como organizam-se as relações raciais no Brasil está ligado, entre outros fatores, ao imaginário popular que se constituiu ao longo de séculos em desfavor à figura do negro. Assim, a forma como ela foi moldada, como sendo inferior, diz respeito a uma escolha essencialmente política, feita pelo o que Dijk (2018) chama de ‘’elite simbólica’’, que visa uma dominação mais eficaz.

Essa inferiorização do sujeito negro por conta de sua raça, como forma de dominação para se conquistar/manter privilégios, não é um problema contemporâneo. Em uma perspectiva psicanalítica, Heidi Tabacof (2017), pautando-se em Aimé Césarie, afirma que, para que a colonização ocorresse, o colonizador teve de se embrutecer a ponto de se tornar uma figura bestial; isso ocorreu pois ele não podia sentir pena dos escravos, caso contrário o sistema escravista estaria fadado ao fracasso e todos os benefícios provenientes dele, destinados à uma pequena camada da sociedade que

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

lucrava com isso, também. Operou-se, então, a lógica da guerra: quanto mais me serve esta situação de dominação e ódio, tanto mais os dominados e tudo o que deles vier deverá parecer desprezível e, em último caso, exterminado (Filho, 2017).

Com essa finalidade, uma das principais armas utilizadas foi [e ainda é] a linguagem. Ora, pois, em se tratando da linguagem verbal, é importante ressaltar que o uso de uma ou outra palavra deriva de escolhas que o locutor faz no léxico da língua, no processo real de suas interações. Ou seja, as palavras não são usadas aleatoriamente, mas, sobretudo, refletem intenções, no jogo que se estabelece durante esse processo de interlocução, realizado por sujeitos determinados cultural e socialmente. Sob esse prisma, também, é importante observar que a linguagem não é neutra, nenhum discurso, por mais simples que possa parecer, é imparcial, de modo que constatamos cotidianamente que realmente a função referencial denotativa da linguagem é somente uma de suas funções, como bem já explicitaram vários autores, dentre os quais destacamos Gnerre (1998).

Não obstante, por muito tempo a Europa atribuiu termos extremamente depreciativos aos nativos da América e África, eles eram tidos como: imaturos, primitivos, retardados, degenerados, inferiores etc. (Schwarcz, 2017). A respeito dessa visão eurocêntrica, deveras preconceituosa, o professor Kabengele Munanga (2003, p. 5) pontua: ‘’A questão colocada tanto pelos teólogos ocidentais do século XVI e XVII quanto pelos filósofos iluministas do século XVIII, era saber se esses índios e negros eram bestas ou seres humanos como os europeus’’ (apud Vannuchi, 2017, p. 64). Assim, paulatinamente, foi sendo arquitetado e construído um senso comum que reforçasse, endossasse, aceitasse e internalizasse a subalternidade desses povos, que, tempos depois, culminaria em teorias como as do ‘’darwinismo social’’, pautadas no determinismo social e na hierarquização das raças.

Destarte, a adoção de “erros” teóricos, como o da supremacia biológica de pessoas de pele branca, por muito tempo, serviu como argumento para a legitimação e proliferação do racismo em suas diversas e perversas formas: exploração, discriminação, opressão, exclusão social e toda a sorte de atrocidades que foram cometidas ao longo da história. Tais pensamentos possibilitaram que nos séculos

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

seguintes sistemas de submissão/extermínio de raças consideradas inferiores, como a escravidão, tivessem um amplo respaldo pseudocientífico.

O resultado disso foi que a linguagem dos discursos do chamado ‘’racismo científico’’ encontrou materialidade no chicote do colonizador, sendo, com o devido respaldo social e científico, estalado nas costas dos negros escravizados. O interessante é que, mesmo após superada a noção de raça; não é demais lembrar que não existem raças humanas do ponto de vista biológico[4], mas que elas são construções sociais, o sentimento de inferioridade voltado aos sujeitos negros ainda persiste no senso comum brasileiro, sendo ratificado diversas vezes, e de distintos modos, por meio do discurso público. E, mesmo diante do desmascaramento de tais “erros” teóricos, o preconceito, embora “maquiado’’, ainda persevera.

Nesse sentido, Dijk (2018) defende a ideia de que o racismo é aprendido na interação entre os seres humanos entreposto por diferentes tipos de discursos. Sob esse aspecto, urge que nos perguntemos: que tipo de discurso estamos gerando, consumindo e reproduzindo a respeito da população negra? E quais são seus impactos sobre ela? É no intuito de pensar sobre essas questões que nosso trabalho caminha.

Nessa linha de raciocínio, para nos ajudar a refletir sobre esses problemas, recorremos a um estudo realizado por Baptista e Rosemberg (2018), publicado pela primeira vez em 2005, que buscou analisar, à época, a forma como os negros estavam sendo representados nos mais diversos contextos discursivos: como o cinema, a telenovela, a literatura, o jornal e o livro didático; os autores chegaram à conclusão de que o racismo se encontrava, nesses casos, camuflado por debaixo de discursos muito sutis e complexos de serem diagnosticados. Referente a isso Ramos (2002), citado por Baptista e Rosemberg (2018), argumenta:

> O racismo não se reproduz na mídia [...] através da afirmação aberta de inferioridade e da superioridade, através da marca da racialização, ou de mecanismos explícitos de segregação. O racismo tampouco se exerce por normas e regulamentos diferentes no tratamento de brancos e negros e no tratamento de problemas que afetam a população afrodescendente. As dinâmicas de exclusão, invisibilização e silenciamento são

[4] A esse respeito sugerimos a leitura da obra *A invenção das raças*, de Guido Barbujani (Vide referências).

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

> complexas, híbridas e sutis ainda que sejam decididamente racistas (Baptista & Rosemberg, 2018, p. 82).

Isso ocorre, pois, o racismo à brasileira, conforme discorre Munanga (2017, p. 42), opera de modo ‘’[...] difuso, sutil, evasivo, camuflado, silenciado em suas expressões e manifestações, porém eficiente em seus objetivos [...]’’. Por não se expressar, na maioria das vezes, de maneira explícita, tem-se a falsa ideia de que no Brasil existe uma, já referida, democracia racial e que, portanto, as relações raciais ocorrem em harmonia e, independentemente da cor da pele, todos são tratados da mesma forma, possuem os mesmos direitos e as mesmas oportunidades. Mas na verdade, essa falácia concorre para deixar ainda mais profundas e demarcadas as linhas que separam os brancos e os negros, o que torna seu combate ainda mais difícil. Muitas pessoas, talvez a maioria, só veem como racismo atitudes extremas de hostilidade explícita contra os negros; no entanto, nem sempre ele aparece dessa maneira, como vimos anteriormente. Ampliar a visão sobre o assunto é uma tarefa bastante complexa e que, indubitavelmente, deverá passar pela problemática das representações sociais.

Daí a necessidade de se compreender como o discurso racista se estrutura. Vejamos. Na mídia, por exemplo, existem alguns aspectos a serem destacados, como: a sub-representação da figura do negro; o silêncio diante das desigualdades raciais; a representação do branco como sendo a norma social adequada; a representação do negro por meio de estereótipos, que veicula sua imagem a coisas ruins (Baptista & Rosemberg, 2018). Além dessas, outras estratégias muito utilizadas são: a ênfase nos aspectos negativos sobre os negros em contraposição à ênfase nos aspectos positivos a respeito dos brancos; não enfatizar os aspectos negativos dos brancos e não enfatizar os aspectos positivos dos negros (Dijk, 2018). Tudo isso acontece de forma sorrateira, o que faz com que essas formas de racismo passem, por vezes, despercebidas.

A arte em geral serviu de espaço, durante longo tempo, para que discursos como esses, que colocavam o negro em posição de subalterno e inferior (quando simplesmente não o ignoravam) fossem reafirmados e propagados, criando, assim, um imaginário problemático que persiste até os dias de hoje (Davis, 2018). A exemplo disso, podemos citar o polêmico filme lançado em 1915, *The Bird of a Nation* (O

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

Nascimento de uma Nação), dirigido pelo diretor D. W. Griffith, baseado no romance *The Clasman* (1905), escrito por Thomas Dixon Jr. O filme, cujo enredo conta a história de duas famílias amigas que se afastam por motivos políticos durante a Guerra de Secessão, chama atenção não pela qualidade de sua narrativa, mas pelo seu conteúdo extremamente racista. Os negros, interpretados por atores brancos que utilizam o *blackface*[5], são representados como pessoas malandras, preguiçosas, burras, selvagens, cruéis, violentas, sexualmente perigosas e em quem não se pode confiar; além disso, seus traços físicos são estigmatizados e ridicularizados. A produção cinematográfica, que na época teve um enorme impacto, foi uma das responsáveis pela reestruturação e solidificação da *Ku Klux Klan* nos Estados Unidos da América sendo utilizada, inclusive, como ferramenta para o recrutamento de novos integrantes, pois ela conseguia transmitir ao telespectador branco a imagem do negro como uma praga social, um ser perigoso, alguém a ser combatido, como bem demonstra o longa de 2018, *Infiltrado na Klan* (*BlacKkKlansman*).

Joel Zito Araújo (2000), em *A negação do Brasil*: o negro na telenovela brasileira, analisou cerca de 70% das telenovelas brasileiras produzidas até aquele momento e revelou que em mais de um terço delas não aparecia um negro sequer. O cineasta e pesquisador observou que, nas poucas vezes que o negro aparecia, ele era retratado, geralmente, na figura de um pobre com o objetivo de ascender socialmente a qualquer preço, ou, no caso da mulher negra, representada através da imagem de uma empregada devotada aos patrões brancos. Baptista e Rosemberg (2018) nos mostram, também, que na imprensa a figura do negro geralmente está relacionada à violência; à criminalidade; ao sexo; às profissões de menor prestígio social; à pobreza; à marginalidade/malandragem; à força braçal e à fraqueza intelectual. Nesse sentido, a imprensa, enquanto vetor parcial e tendencioso da realidade, certamente serviu de inspiração, em algum momento, para a elaboração de telenovelas, seja no enredo ou na construção das personagens; ambas, numa íntima relação, foram responsáveis pelo desenvolvimento de um imaginário social e racial bastante "pervlexo", para criar, já que

[5] Prática teatral que consistia na coloração de atores brancos com carvão de cortiça para representarem a figura do negro de forma cômica, exagerada e estereotipada, muito popular no século XIX.

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

a linguagem nos permite, um neologismo que dê conta de amalgamar o perverso e complexo.

Por sua vez, a literatura também foi um campo fértil para que os estereótipos sobre os negros proliferassem. Os romances publicados no Brasil durante o Abolicionismo já traziam em suas páginas a dicotomia do sujeito negro: representado ora como um ser domesticado, com consciência de sua inferioridade em relação ao homem branco; ora como um ser violento, cruel, rebelde e selvagem (Brookshaw, 1983 apud Baptista & Rosemberg, 2018). De igual modo, esse discurso de inferiorização se manifestou na literatura infantojuvenil brasileira do século XX, introjetando nas crianças da época um sentimento de vergonha de sua própria identidade. O estereótipo como elemento chave na construção da figura do negro dentro da ficção e sua presença diminuta nas narrativas também foram analisados na literatura brasileira moderna, pela pesquisadora Regina Dalcastagnè (2005), cuja pesquisa nos releva alguns dados muito esclarecedores:

> [...] 80% de personagens brancas contra 14% de personagens negras. Entre os protagonistas, a concentração de personagens brancas subiu para 85% ao passo que as negras recuaram para 12%. As narradoras identificadas foram 87% brancas e somente 7% negras [...]As personagens negras apresentam menores índices de relações familiares ou amorosas. Ou seja, as personagens brancas foram a norma social e vários indicadores apontam para seu tratamento mais complexo que o das personagens negras. A mulher negra, além de sub-representada inclusive em relação ao homem negro, quando retratada, a tendência geral é de reproduzir os papéis estereotipados a muito reservados no discurso público brasileiro, particularmente o de mulata hipersensualizada [...] Acompanhamos o argumento da autora: a literatura (e outros meios midiáticos) produz um apagamento e destaca determinados aspectos em detrimento de outros [...] (Baptista & Rosemberg, 2018, p. 84).

Em um estudo mais recente sobre a autoria e a representação de personagens negras em narrativas infantojuvenis, o pesquisador James Rios de Oliveira Santos (2017), analisando os acervos do PNBE de 2011 e 2013, verificou que o problema no que diz respeito à falta de diversidade racial entre os escritores contemplados pelo programa ainda persistia, sendo: 88,9 brancos e 2,8% negros (PNBE 2011); 85% brancos e 4,6% negros (PNBE 2013). Talvez essa discrepância entre autores negros e brancos explique a ausência de temáticas voltadas à cultura negra e às suas vivências,

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

pois no PNBE de 2011 e 2013, respectivamente, Santos constata que apenas 4,6%/2,3% das obras traziam como tema a cultura africana; 5,6%/2,3% a cultura afro-brasileira; 0,0%/6,9% o preconceito racial e 90,2%/88,5% abordavam outros assuntos. Entretanto, diferentemente das pesquisas supracitadas, que também apontavam para uma ausência do sujeito negro na ficção, mas que denunciavam sua má representação, o autor nota que, nas raras vezes em que o negro foi retratado nas obras do PNBE, não houve uma inferiorização de sua condição, mas pelo contrário, sua cultura e suas características físicas foram trabalhadas de maneira crítica, a fim de que o jovem leitor criasse uma imagem positiva, vindo a sentir-se, caso negro também, orgulhoso de suas origens e de ser o que é.

Referente ao espaço escolar, Paulo Silva (2005), citado por Baptista e Rosemberg (2018), analisando os livros didáticos publicados entre os anos de 1980-2005, destaca que, enquanto o sujeito branco e sua cultura aparecem em posição de destaque, como representantes da espécie humana, os negros estão relegados aos papeis secundários, e seus aspectos culturais quase não são mencionados. Mesmo após a criação da Lei nº 10.639/03, promulgada em 2003, pelo então presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, que visava, em um primeiro momento, incluir no âmbito do currículo escolar ‘’[...] o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil’’ (Brasil, 2003), e com sua alteração para a Lei nº 11.645/08, que tornou obrigatória a inclusão também de conteúdos sobre o povo indígena na matriz escolar das disciplinas de Literatura, Educação Artística e História, ainda assim foi possível encontrar livros didáticos que apresentassem a população negra vinculada a uma imagem estereotipada. Em um estudo sobre esse assunto, após a implementação da referida Lei, Monteiro (2013), analisando os livros didáticos de história, afirma que muitos deles ainda

> [...] retratam os negros apenas como pessoas que vieram para o Brasil como escravas e que trouxeram com elas comidas, danças típicas e palavras de mesma origem. Não é retratado nos textos e imagens quem são os negros hoje e sua participação na cultura. Infelizmente as palavras ‘escravo’ e ‘negro’ são utilizadas como sinônimas, como se ser

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

> negro fosse necessariamente subordinado a um regime de trabalho forçado e sem remuneração. O negro não é representado em nenhum outro contexto de trabalho a não ser o trabalho escravo. Dessa forma, podemos inferir que os livros didáticos continuam violando o direito das crianças que utilizam estes livros, pois elas certamente não são representadas pelas imagens depreciativas veiculadas nos livros (Monteiro, 2013, p. 8).

Destarte, é preciso que sejamos críticos às representações sociais, pois elas servem para naturalizar em nosso imaginário a figura do outro. Assim, é preciso estar sempre alerto à mídia e à forma como esse meio molda os sujeitos, atentando aos discursos utilizados com essa finalidade. Em tempos de comunicação sem fronteiras, de tecnologia, mais do que nunca, a mídia desempenha um papel central na construção de nosso imaginário, de nosso senso comum, que por sua vez, exerce uma função primordial na construção de sentidos e significados sobre o mundo a nossa volta. Dessa maneira, quando a população negra tem sua imagem, sorrateiramente, veiculada à estereótipos negativos e o discurso preconceituoso se torna naturalizado, e comumente ratificado pela mídia, torna-se perigoso para o próprio sujeito negro se relacionar com o mundo, uma vez que a representação que tem de si nos canais de comunicação, como a popularizada televisão, por exemplo, não o leva a sentir orgulho de sua própria condição, mas o faz negar sua especificidade para se adequar ao padrão branco ideal; padrão esse que, cruelmente, jamais poderá ser alcançado; e nem deve ser objetivado, mas sim desconstruído.

Para melhor entendimento e ilustração, a seguir, conforme anunciamos, problematizamos o impacto dessas representações sobre o modo como o sujeito negro se relaciona consigo e com o saber escolar, a partir do texto *Lembrança das lições*, de Cuti (1996).

Lembrança das lições: problemáticas sobre a questão do negro e a relação com o saber escolar

O ingresso da criança na escola é um período importante, pois é nesse momento que ela começa a ser integrada ao espaço social de forma mais sistematizada e a estabelecer novos vínculos. No entanto, para os negros, essa pode ser uma etapa controversa e dolorida, pois ‘’[...] esse contato diversificado poderá fazer da escola o primeiro espaço de vivência das tensões raciais’’ (Menezes, 2002, p. 1). O ambiente

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

escolar é, dada suas características, um dos lugares mais eficazes e perigosos para a difusão da ideologia racista, uma vez que as vítimas estão iniciando o processo de construção de suas identidades, de modo que as consequências podem ser irreversíveis. É justamente isso que encontramos no texto de Cuti[6], *Lembrança das lições* (1996): um protagonista/narrador negro (sem nome) que relembra os impactos do racismo vivenciado durante a infância na escola por ele e seu amigo, também negro, Joel. As tensões raciais, nesse caso, surgem através da representação depreciativa e insultuosa do sujeito negro dentro da sala de aula, e do contato conflituoso com os demais alunos brancos da turma.

Conforme vimos discorrendo, no curso da história a imagem do negro foi sendo moldada como inferior em face ao sujeito branco. A educação escolar, como qualquer outra instância social, longe de estar imune a isso, contribuiu, de diferentes formas, para consolidação desse pensamento. Nessa linha de raciocínio, cabe aqui, mesmo que de forma sintética, abordarmos um conceito essencial: o eurocentrismo. Praxedes (2010, p. 43) o define enquanto uma

> [...] tendência de avaliar a aparência física dos indivíduos, as ideias, os costumes, e comportamentos, as religiões e formas de conhecimento [...] das sociedades europeias como superiores em relação aos seres humanos, culturas e civilizações das outras regiões do mundo.

O autor expõe que a principal dificuldade dos professores no enfrentamento do racismo na escola é que muitos ainda acreditam que existe uma hierarquia entre culturas, conhecimentos, comportamentos e aparência física, na qual o modelo europeu desponta como norma (Praxedes, 2010). Nessa perspectiva educacional, a história do povo negro, suas contribuições para a construção da sociedade brasileira, sua diversidade cultural, suas tradições, seus valores, seus conhecimentos e suas lutas são ignoradas e reduzidas apenas ao período da escravidão. É o que acontece em Lembrança das lições:

[6]Cuti é pseudônimo de Luiz Silva. Nasceu em Ourinhos-SP, em 1951. Formou-se em Letras (Português-Francês) na Universidade de São Paulo, em 1980. Doutor em Literatura Brasileira pelo Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp (1999/2005). Foi um dos fundadores e membro do Quilombhoje-Literatura, de 1983 a 1994, e um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993. Recuperado em 31 mar. de 2019, de https://www.cuti.com.br/autordadosbiograficos

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802
Creative Commons

> A palavra escravidão vem como um tapa [...] Os negros escravos[7] eram chicoteados... – e dá mais peso à palavra negro e mais peso à palavra escravo! Parece ter um martelo na língua e um pé-de-cabra abrindo-lhe um sarcasmo de canto de boca, de onde me faz caretas um pequeno diabo cariado [...] Os NEGROS ESCRAVOS eram vendidos como CARNE VERDE, peças, desprovidos de qualquer humanidade. Eram humildes e não conheciam a civilização. Vinham porque o Brasil precisava de...? Vejamos quem é que vai responder... (Cuti, 1996, 108-109, grifos nossos).

Podemos observar, a partir desse trecho, o modo tendencioso e desumano como o negro foi representado pela professora. A escravidão, nesse caso, é abordada da perspectiva do dominador, como uma fatalidade histórica e não como produto deliberado da iniciativa humana. Além disso, nele podemos constatar a forma depreciativa como a professora se refere aos negros escravos, como objetos desprovidos humanidade, que não conheciam a civilização, logo eram selvagens, ignorantes e não possuíam cultura. Essa passagem denota, ainda, a forma acrítica como essa questão foi trabalhada durante muito tempo pela educação escolar.

A esse respeito, cumpre destacarmos, que, em nosso entendimento, ao educador, como profissional, cabe, não só o conhecimento científico sobre o conteúdo a ser tratado, mas, como ser humano, a sensibilidade ao tratar de assuntos que tenham já, por si mesmos, uma carga histórica de sofrimento. Não é demais reforçar que é, muitas vezes, a escola, a sala de aula, o espaço onde a criança negra tem os primeiros contatos com a história de suas origens. Uma possível abordagem acerca dessa temática, como propõe Oliveira, Reis e Lins (2009), seria uma educação emancipatória que parta da conflitualidade, isto é, uma educação que seja contraponto, que problematize e fragilize os modelos de conhecimento dominantes. No entanto, os pesquisadores constatam que muitos docentes, a pretexto de evitar conflitos, fogem de discutir sobre a questão racial com seus alunos, com isso, contribuem para silenciar aqueles que são vítimas do racismo. Isso ocorre, dentre outras coisas, devido à falta de preparo dos professores, que

[7]De acordo com o professor e pesquisador Dagoberto José Fonseca (2009, p. 13), o termo escravo está relacionado à natureza do ser, de modo que "O escravo nasce, cresce e morre irremediavelmente preso à sua natureza''. A nomenclatura adequada para se referir às pessoas que se encontram em situação de escravização é escravizados, que carrega, semanticamente, a noção de que não nasceram assim, mas foram deliberadamente submetidos a este sistema de opressão e exploração. Não alheio a esta discussão, Cuti, ao optar por esta palavra, objetiva, em nosso entendimento, evidenciar ao leitor a concepção preconceituosa e determinista que a professora tem sobre o sujeito negro.

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

por muito tempo foram formados por um enfoque exclusivamente eurocêntrico (Oliveira, Reis & Lins, 2009).

Essa falta de preparo dos professores é um assunto que foge ao escopo desse trabalho; todavia, seria ingênuo não aludirmos ao fato de que o notável despreparo, no trato de assuntos dessa ordem, tem, ao longo da história, privilegiado certos grupos sociais e agido no sentido de manter o status quo, contribuindo, sobremaneira, para a legitimação desses grupos (dominantes), que acabam por estabelecer suas visões de mundo, criando e recriando significados que lhes sejam favoráveis.

Voltando ao texto de Cuti, constatamos que o excerto transcrito acima, materializa uma imagem, criada pela professora, que causa no protagonista um profundo sentimento de mal-estar: ‘’Tremo, encolhido, dolorido diante da possibilidade de ser chamado. Meu coração bate na vertical e meus intestinos se revoltam. Saio apressado da sala, sem pedir licença. Chego à privada em tempo’’ (Cuti, 1996, p. 109). Esse trechinho nos instiga a pensar quais os possíveis impactos dos discursos racistas sobre as crianças negras. No que se refere a essa questão, Maria Lúcia da Silva (2017) declara que a maior vitória do racismo é quando ele atinge a dimensão psicológica do sujeito, pois ele tem o poder de criar no próprio negro um sentimento de inferioridade e desvalorização de seus atributos em relação ao branco, como se ele fosse um subalterno, reduzindo-o a uma condição sub-humana. Dessa forma, por estarem em processo de formação emocional, social e cognitivo, as crianças negras tendem a incorporar mais facilmente e passivamente os discursos de conteúdos discriminatórios, influenciando no desenvolvimento de suas identidades ao se reconhecerem nas representações pejorativas criadas pelos brancos (Menezes, 2002).

Nesse sentido, estamos diante de uma das facetas mais cruéis do racismo, já que é exercida pela própria vítima contra si mesma por meio da autonegação. Logo, esses fragmentos extraídos do texto literário contribuem para evidenciar e colocar em discussão a vulnerabilidade da população negra quanto à violência institucional, simbólica, praticada pela escola contra os alunos (Charlot, 2005), uma vez que o sujeito negro passa a ser identificado e avaliado apenas por sua marca (estigma) e não por sua individualidade, sendo ignorada todas suas potencialidades em virtude de sua cor. Referente a isso, o sociólogo brasileiro Oracy Nogueira, em um importante estudo

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

publicado pela primeira vez em 1957, cunha o termo ‘’preconceito de marca’’ para explicar o racismo à brasileira. Segundo Nogueira, essa forma de racismo elege a aparência física como critério de discriminação; e entre as características examinadas estão: a tonalidade da pele; o tipo de cabelo; a grossura dos lábios; a largura do nariz; etc., quanto mais um sujeito se distanciar do padrão branco de beleza, tanto mais ele será afetado pelo preconceito de marca. Dessa forma, a estética do corpo negro é, muitas vezes, alvo de tensões raciais no ambiente escolar. Nesse sentido, Gomes (2018) levanta algumas indagações pertinentes para pensarmos a respeito dessa questão dentro da escola:

> Somos sujeitos corpóreos e usamos o nosso corpo como linguagem, como forma de comunicação. O que será que o aluno negro nos comunica por meio de seu corpo? Com a sua postura? Pela maneira como cuida do seu corpo? Como ele se apresenta esteticamente? Por outro lado, quais são as representações que nós, docentes, construímos desde a infância sobre o negro, seu corpo e sua estética? Será que essas representações, quando negativas, tornam-se mais fortes no exercício do trabalho docente, a ponto de nos tornar cegos e surdos para entender o que os nossos alunos tentam nos comunicar? Quantas vezes não ouvimos frases como “o negro fede”; “o cabelo rastafari é sujo e não se pode lavá-lo”; “o negro que alisa o cabelo tem desejo de embranquecer”; “aquele é um negro escovadinho”; “por que você não penteia esse cabelo pixaim”; “esses meninos de hoje usam roupas estranhas, parecem pivetes”? (Gomes, 2018, p. 173).

Outrossim, além das mencionadas na citação acima, a violência simbólica pode se manifestar de inúmeras outras formas dentro do ambiente educacional: seja pela ausência da figura do negro no cotidiano escolar ou por sua representação estereotipada/inferiorizada nos materiais didáticos; pela linguagem não verbal; no modo como o professor trata o aluno negro; pelo silêncio das autoridades escolares frente à situações de clara discriminação racial; pela naturalização do sofrimento oriundo dessas ações discriminatórias; pela defesa de discursos tendenciosos por parte dos professores; por meio de piadas ou mesmo através de insultos explícitos dos colegas de classe; podendo, dessa maneira, fazer a criança negra ‘’[...] incorporar esse discurso e sentir-se marginalizada, desvalorizada e excluída, sendo levada a falso entendimento de que não é merecedora de respeito ou dignidade, julgando-se sem direitos e possibilidades’’ (Menezes, 2002, p. 8), cerceando, assim, o seu direito de pleno desenvolvimento

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

enquanto ser humano. Dessa maneira, a escola, por gozar de uma autoridade que lhe é atribuída socialmente, considerada por muitos a detentora e guardiã da verdade absoluta, pode, se assim o pretender, facilmente perpetuar, consolidar e naturalizar crenças preconceituosas que vão de encontro à luta pela igualdade racial, como é possível verificar na narrativa aqui abordada.

Vale lembrar que, na escola, por certo, a maior parte de nós não ouviu falar sobre os guerreiros e guerreiras ou líderes negros que desenharam a História do Brasil; ou seja, a memória das lutas e trabalhos dos negros, muitos dos quais se destacaram, inclusive, cultural e politicamente, foi deliberadamente ocultada, enquanto a ênfase que se dá a sua figura se restringe à questão da escravidão.

Desse modo, repetimos, é crucial que estejamos atentos às formas de representação da população negra no espaço escolar, preocupamo-nos com isso, na certeza de que os posicionamentos e visões que propagamos, influenciarão o modo como o aluno negro se relacionará consigo e com o saber escolar. A história tem sido testemunha disso, e não obstante, não neguemos que a arte imita a vida. Salientamos, ainda, conforme pontua Dijk (2018), e comungamos da mesma opinião, que ninguém nasce racista: torna-se racista por meio de um processo amplamente discursivo. Sendo assim, esses discursos depreciativos não afetam somente as crianças negras, mas as brancas também, que assim como àquelas o internalizam e o reproduzem de outra forma que, por vezes, pode vir através de um racismo explícito: ‘’É você, macaco. Você é escravo - cochicha-me um aluno branco’’ (Cuti, 1996, p. 109). Por seu turno, quando a criança negra é vítima de tais agressões e incorpora essa violência simbólica, ela pode iniciar um processo de distanciamento e exclusão dos demais colegas, como podemos observar no conto: “O clima pegajoso estende-se na sala. O outro garoto negro da classe permanece de cabeça baixa o tempo todo. Nenhuma reação. Uma caverninha humana. Imóvel’’ (Cuti, 2005, p. 109, grifos nossos). O mesmo foi observado pela professora e pesquisadora Ana Célia da Silva (2011, p. 15), durante suas aulas no ensino fundamental:

> Percebi a dificuldade de interação entre os alunos de biótipo diferente e o isolamento das crianças de pele mais escura, como uma forma de livrar-se das agressões, dos

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

> apelidos, das brincadeiras humilhantes. Esse isolamento era fruto também da hierarquia estabelecida pelos alunos de pele mais clara, que os afastavam do seu grupo.

Isso ocorre, pois de acordo com a estudiosa Maria Lúcia da Silva (2017), a vergonha pela humilhação racial impede a convivência entre aquele que é agredido e o seu agressor. O sofrimento, portanto, é expresso através do silêncio e do distanciamento, de forma que ‘’[...] resta em seus corpos a marca dolorosa e enclausurada da brutalidade. Marcas que reavivam as transmitidas pela memória de várias gerações de nosso passado escravocrata’’ (Vannuchi, 2017, p. 66-67).

A passagem acima consegue ilustrar bem o quanto os discursos de não pertença e de inferiorização podem servir para aprisionar os sujeitos dentro de um mundo fechado e intransponível, tornando-os invisíveis. Nesse contexto, a criança negra, como vimos, pode recusar-se a participar das atividades escolares ou mesmo a ir para a escola, com o receio de ser humilhada, menosprezada ou alvo de chacota. Sendo assim, a baixa autoestima desses alunos pode ser um dos principais empecilhos em seus desempenhos escolares. Em um trabalho realizado por três pesquisadores da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro, no ano de 2003, foi possível observar a correlação estatística entre tais problemas sociais e o nível de aprendizagem dessa população:

> [...] estudantes negros estão aprendendo menos do que os brancos de mesmo nível social e que estudam na mesma escola. Analisando as notas dos alunos no Sistema de Avaliação da Educação Básica SAEB, principal exame do ministério para medir a qualidade da educação brasileira, os pesquisadores [...] mostram que os negros tinham, na média de todas as disciplinas verificadas, desempenho inferior em 9,3 pontos ao dos brancos, mesmo quando eram comparados alunos da mesma classe social e da mesma escola [...] Para os pesquisadores, os resultados são uma forte evidência de que pode estar havendo preconceito na escola. Professores podem estar tratando de maneira desigual negros e brancos na mesma sala de aula (Albernaz, Ferreira & Franco, 2003 apud Góis, 2003, p. 5 apud Praxedes, 2010, p. 41).

Essas problemáticas no tocante ao tratamento do negro no âmbito educacional nos levam a outra questão; a evasão escolar desse aluno. A incorporação dos discursos discriminatórios por parte desses estudantes pode fazer com que eles se desinteressem pela educação, uma vez que lhes é transmitido, de diferentes formas, a incapacidade de

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802
Creative Commons

sucesso social de seu povo e, por consequência, a sua própria. É o que ocorre com o protagonista da história:

> Saio. Perambulo sozinho pelas ruas, carregando um mal-estar no meio dos cadernos e um nó de silêncio no peito. No dia seguinte, nada de escola [...] Joel vem comigo. É meu vizinho, negro também, de outra turma na escola. Entre sutilezas de nosso diálogo, percebo que a "história" da escravidão já espancou mais um por dentro. Não tocamos no assunto, contudo o protesto vem do nosso jeito: falta em cima de falta e nota vermelha, e a gente falsificando os boletins; cartinhas da diretora para os nossos pais, e a gente fazendo assinaturas falsas. As mentiras sempre ao lado da verdade de nosso sentimento de revolta (Cuti, 2002, p. 110, grifos nossos).

A passagem acima caracteriza, sobremaneira, o processo de recalcamento das discriminações raciais ao qual o sujeito negro, por vezes, é submetido. E se, conforme atesta a sabedoria popular, "falar é prata, calar é ouro", talvez a expressão possa nos ajudar a entender melhor tal situação, dado que o racismo à brasileira é marcado pelo silêncio; o que, nas palavras do pesquisador Munanga (2017, p. 40), o torna um crime perfeito: ''[...] pois além de matar fisicamente, ele alija, pelo silêncio, a consciência tanto das vítimas quanto da sociedade como um todo, brancos e negros''. Desta feita, a vergonha muitas vezes impede que se denunciem experiências de preconceito racial ou mesmo que elas sejam discutidas, o discurso racista é tão efetivo e bem orquestrado que imobiliza suas vítimas, fazendo com que elas não saibam agir diante de sua manifestação. Por conseguinte, a evasão escolar dessa população se caracteriza como uma das últimas e mais desesperadas formas de resposta contra esse sistema racista do qual a educação, também, faz parte. E o resultado dessas problemáticas vivenciadas pelos negros dentro do espaço escolar pode ser catastrófico, uma vez que o discurso racista pode afetar a consciência do sujeito negro e fazer com que ele acredite se ver refletido na imagem depreciativa que lhe é apresentada nos mais diferentes contextos, assim, ele é levado a crer na sua inferioridade decorrente de suas características étnicas.

Isso, inegavelmente, influencia no modo como esse sujeito se relacionará com o saber escolar, dado que o contexto, permeado de discursos discriminatórios, oferece muito mais chances de que ele se torne fechado e excluído do que sinta orgulho de sua condição. Todos esses fatores podem gerar um desinteresse pela educação, pois não lhe são ofertadas referências que indiquem outras possibilidades de vida além daquelas que

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

ele já conhece. Por certo, o exemplo trazido na história contada por Cuti, nos faz refletir sobre as consequências catastróficas do discurso racista na formação subjetiva da juventude negra, que, pode, interiorizá-lo e interpretá-lo; e, em decorrência disso, desenvolver traumas psíquicos de inferiorização que, consequentemente, concorrem para a manutenção de um lugar de subordinação dentro da pirâmide social, previamente definido para o negro, dificultando o estabelecimento de relações sociais e pessoais, bem o rompimento com nosso passado racista.

Em contraste, esse não é um fato determinístico, dado que na relação com o saber escolar, conforme vimos anteriormente, o sujeito é sim influenciado por sua condição social, que nesse caso é marginalizada, mas o que determinará o modo como ele se relacionará com o saber será o seu posicionamento diante do que o mundo faz dele (Charlot, 2000). Nesse caso, ele não é um mero produto, mas também o próprio produtor, que age no e sobre o mundo para adequar-se ou rebelar-se contra o sistema.

Dessa forma, o sujeito negro pode, mesmo vitimado pelo preconceito racial, perceber na educação uma possibilidade de ascensão social e/ou pessoal, interpretando o racismo como uma barreira a ser rompida e estabelecendo uma relação com o saber escolar que o permita conseguir transpô-la. E aí está a força da educação. Ilustrativo e oportuno citar a história da professora aposentada Diva Guimarães, que ficou conhecida nacionalmente, após seu emocionante relato durante a Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) de 2017[8]. Por meio de sua voz trêmula, lágrimas e nós na garganta conhecemos, um pouco, a sua difícil trajetória escolar, marcada pela discriminação racial. Mulher, pobre e negra, foi desacreditada diversas vezes por seus professores em virtude de sua cor, mas mesmo assim não se deixava abater, pois tinha a convicção de que, diante de sua condição estigmatizada, só a educação a salvaria. E salvou.

Considerações finais

O quadro apresentado na narrativa escrita por Cuti exemplifica, conforme nos propusemos, algumas das tensões raciais às quais os negros estão expostos dentro da escola diariamente. Além disso, abre margem para reflexões, problematizações e

[8]Segue *link* do *Youtube* da fala da profa. Diva Guimarães na FLIP de 2017. Recuperado em 02 abr. de 2019, em: https://www.youtube.com/watch?v=Z5aS8bukb2o

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

discussões acerca de temas que permeiam esse universo como o ainda atual despreparo por parte das instituições de ensino no trato às questões relativas ao racismo contra os negros; mesmo depois da emergência de leis sobre a matéria. De mais a mais, é evidente que, acima de tudo, é necessário arrancar as amordaças, romper com o silêncio que envolve o racismo à brasileira, denunciar seus mecanismos de coerção e evidenciar suas várias faces.

> Falar disso e dar voz àquilo que está emudecido é movimentar a esfera das representações, da construção e desconstrução das imagens, testemunhar e tratar desse pesadelo social [...] Há um longo percurso a ser percorrido e esse caminho começa com o uso da palavra. Palavra para falar, testemunhar, ultrapassar a dor, usar a língua em sua função de ferramenta cultural, que pode desenhar outros destinos (Vannuchi, 2017, p. 68).

Desse modo, acreditamos, assim como defende Schwarcz (2017, p. 118), que a ‘’[...] história não é destino, mas luta, conflito e mudança’’; nesse sentido, embora a figura do negro tenha sido, no curso da história, enclausurada em representações depreciativas, que buscavam naturalizar sua suposta subalternidade, esse cenário está mudando. Um exemplo disso são os resultados apresentados por Santos (2017), que apontam para novas possibilidades de representações do negro dentro do ambiente escolar.

A busca por uma valorização, afirmação e reconhecimento de sua imagem é necessária para a produção de mecanismos que criem, dentro do espaço escolar, um resgate da autoestima das crianças negras e possibilitem a plena integração delas no convívio social. É nessa perspectiva que se revela a importância da Lei n. 10.639/03 – 11.645/08 – como uma forma redesenhar o imaginário popular que durante tanto tempo serviu de arma contra essa população.

O trabalho com os temas representações, identidades, desigualdades e diferenças precisa ser constante, não pode ocorrer de forma fragmentada, é urgente que esteja no cotidiano escolar. Nesse sentido, a discussão sobre a questão de raça dentro da escola não pode estar restringida a datas comemorativas, mas presente a todo momento e em todo lugar. Um ensino que privilegie esses assuntos, certamente estará contribuindo na construção de uma identidade individual e coletiva que valorize as diferentes etnias,

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

culturas e valores que a sociedade brasileira comporta. Sem isso, desumanizados, estaremos fadados ao fracasso e à destruição.

Longe de esgotar essa necessária discussão, o nosso artigo se propôs a refletir sobre algumas problemáticas comumente vivenciadas pela população negra dentro da escola. Percorrido o percurso proposto, avulta-se, como não poderia ser diferente, a complexidade que é lidar com a temática. E, por outro lado, avulta-se, também, o fato de que para reverter esse imaginário social negativo sobre a população negra em algo que seja positivo em suas formações, urge que estejamos atentos aos discursos que circulam publicamente e, é claro, aos discursos que, por vezes, nós mesmos ajudamos a propagar a respeito dessa população, com vistas a coibir e repudiar referências que partam de representações pejorativas sobre os negros. E isso é tarefa de cada um de nós. Se não vai por si só resolver o problema, também a resolução não pode de ações dessa ordem prescindir.

Do mesmo modo, imprescindível para a superação desse cenário é a necessária articulação entre a escola e espaços não escolares na criação de projetos que discutam criticamente sobre essa temática, contribuindo para o desenvolvimento da autoestima dessa população, por tanto tempo aviltada, nas mais diversas esferas sociais (Gomes, 2018).Desta feita, é preciso levar essa discussão para a comunidade na qual a escola está inserida, transpondo os muros da escola.

Por outro lado, a escola, enquanto instituição capaz de auxiliar o sujeito na transformação de si e do contexto em que está inserido, em que pese suas limitações, configura-se como um espaço extremamente importante para a reversão desse preconceito racial em orgulho e aceitação, uma vez que, se ela tem a capacidade de reafirmar estereótipos e preconceitos (Gomes, 2018; Batista, França & Felipe, 2018), também pode negá-los, corrigindo-os, e abrindo espaço a outros conceitos, positivos, que auxiliem na formação identitária positivada da população negra. Com efeito, a instituição e os profissionais a ela relacionados não podem se ocultar de firmar um compromisso com a questão racial, na busca por desenvolver estratégias que possibilitem a valorização da população negra dentro do espaço escolar, evitando a exclusão e violência simbólica desse grupo social, historicamente alijado da sua condição de humanidade.

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802 Creative Commons

Referências

Araújo, J. Z. (2000). *A negação do Brasil*: o negro na telenovela brasileira. São Paulo: SENAC.

Batista, I. Y. O. S., França, F. F. & Felipe, D. A. (2018). Representações de crianças sobre a população negra: contação de histórias em uma escola municipal do estado do Paraná. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as* (ABPN). Ed. Especial, 335-354.

Baptista, P. & Rosemberg, F. (2018). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, T. A. V. (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, (p. 73-118).

Barbujani, G. (2007). *A invenção das raças*. São Paulo: Contexto.

Brandão, C. R. (1981). *O que é educação?* São Paulo: Brasiliense.

Brasil. (2011). *Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação. Recuperado em 02 de out. 2019, de http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos

Brasil. (2013). *Programa Nacional Biblioteca da Escola*. Secretaria de Educação Básica. Brasília: Ministério da Educação. Recuperado em 02 de out. 2019, de http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola/acervos

Brasil. (2003). *Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003*. Recuperado em 02 de out. 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639

Brasil. (2008). *Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008*. Recuperado em 02 de out. 2019, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639

Charlot, B. (2005). *Relação com o saber, formação de professores e globalização*: questões para a educação de hoje. Porto Alegre: Artmed.

Charlot, B. (2000). *Da relação com o saber*: elementos para uma teoria. Porto alegre: Artes Médicas Sul.

Cuti. (1996). *Negro nos contos*. Belo Horizonte: Mazza Edições.

Cuti. Quem tem medo da palavra Negro? (2017). In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 197-212).

Davis, A. (2018) A *liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, (p. 41-56).

Dijk, T. A. V. (2018) Prefácio e Introdução. In: Dijk, T. A. V. (Org.). *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, (p. 7-24).

Filho, J. M. G. (2017). A dominação racista: passado e presente. In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 143-160).

Fonseca, D. (2009). *Políticas públicas e ações afirmativas*. São Paulo: Selo Negro.

Creative Commons

Gomes, N. L. (2003). Educação, identidade negra e formação de professores: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, 29 (1), 167-182.

Gnerre, M. (1998). *Linguagem, escrita e poder*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes.

Menezes, W. (2002). *O preconceito racial e suas repercussões na instituição escolar*. 2002. Recuperado em 02 de out. 2019, de http://www.fundaj.gov.br/licitacao/preconceito_racial.pdf

Monteiro, E. (2013). *O negro nos livros didáticos de história dos anos iniciais do ensino fundamental após a lei 10.639/03*. Recuperado em 02 de out. 2019, de http://sites.pucgoias.edu.br/pos-graduacao/mestrado-doutorado-educacao/wp-content/uploads/sites/61/2018/05/ELZANIR-LEANDRO-BANDEIRA-DA-SILVA-MONTEIRO.pdf

Moscovici, S. (2003). *Representações sociais*: investigações em psicologia social. Rio de Janeiro: Vozes.

Munanga, K. (2017). As ambiguidades do Racismo à Brasileira. In: Kon, N. M.; Abud, C. C.; Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 33-44).

Oliveira, L., Reis, M. & Lins, M. (2009). Lei n. 10.639/03: uma proposta intercultural no CAP-Uerj? In: Lima, A., Oliveira, L. & Lins, M. *Diálogos interculturais, currículo e educação*: experiências e pesquisas antirracistas com crianças na educação básica. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, (p. 47-60).

Oracy, N. (1985). *Tanto preto quanto branco*: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz.

Praxedes, W. L. A. (2010). A questão racial e a superação do eurocentrismo na educação escolar. In: Costa, L. G. (Org.). *História e cultura afro-brasileira*: subsídios para a prática da Educação sobre relações étnico-raciais. Maringá: Eduem.

Rosemberg, F. (2017). Psicanálise e relações raciais. In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 129-142).

Santos, J. R. O. (2017). *A autoria e representação de personagens negras em narrativas infantojuvenis*: acervos PNBE 2011 e 2013. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Maringá, Paraná.

Saviani, D. (2005). *Pedagogia histórico-crítica*: primeiras aproximações. 9 ed., Campinas, Autores Associados.

Schwarcz, L. M. (2017) Raça, Cor e Linguagem. In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 91-120).

Silva, A. C. (2011). *A representação social do negro no livro didático*: o que mudou? Por que mudou? Salvador: EDUFBA.

Creative Commons

Silva, M. L. (2017). Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros. In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 71-90).

Tabacof, H. (2017). Dessemelhanças e Preconceitos. In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 45-55).

Vannuchi, M. B. C. C. (2017) A violência nossa de cada dia: o racismo à brasileira. In: Kon, N. M., Abud, C. C. & Silva, M. L. (Orgs.). *O racismo e o negro no Brasil*: questões para a psicanálise. 1ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, (p. 59-70).

Wachelke, J. & Camargo, B. (2007) Representações Sociais, Representações Individuais e Comportamento. *Revista Interamericana de Psicologia*. 41 (3), 379-390.

Recebido: 05/05/2019
Aceito: 30/10/2019
Publicado: 25/02/2021

NOTA:
Os autores foram responsáveis pela concepção do artigo, pela análise e interpretação dos dados, pela redação e revisão crítica do conteúdo do manuscrito e, ainda, pela aprovação da versão final publicada.

Revista Imagens da Educação, v. 11, n. 1, p. 82-110, jan./mar. 2021 ISSN 2179-8427
DOI 10.4025/imagenseduc.v11i1.47802
Creative Commons